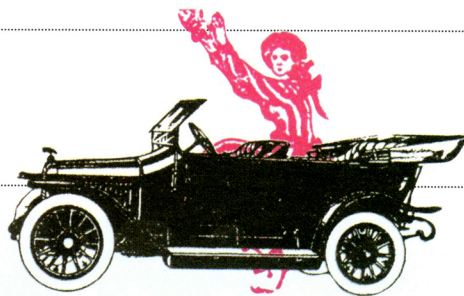


QI / Design



Caravelas, índios e bugigangas do passado prenunciam um presente bem caótico

A História é um clichê

Gustavo Piqueira faz do Brasil um enredo de irreverência e déjà vu

NEM SEMPRE a narrativa histórica consegue se desvencilhar das armadilhas convencionais do clichê, o que faz de *Clichês Brasileiros*, do designer e escritor Gustavo Piqueira, uma viagem pela História do Brasil combinando antigos clichês tipográficos, uma diversão profundamente metafórica. Duplo emaranhado de clichês (Ateliê Editorial, 112 páginas, R\$ 49).

As imagens Piqueira foi buscar num catálogo assinado por D. Salles Monteiro, do início do século XX (e publicado em edição fac-similar pela Ateliê, em 2003). Esses clichês tipográficos eram matrizes, gravadas em madeira ou metal, usadas como elementos gráficos em meio a narrativas impressas – um sistema que, salvo pequenas adaptações, remetia a Gutenberg. Piqueira recorre à sua veia de ficcionista quando passeia por episódios como a chegada dos portugueses, em suas cansadas caravelas, e as barganhas à base de penduricalhos com os nativos da terra – momento que o autor sobrecarrega com humor e ironia.

Automóveis empilhados anunciam, com semelhante irreverência, o ingresso do País na modernidade, enquanto cavaleiros e damas de uma elite enfatuada e autista bailam o minueto da alienação. A História se repete como farsa, dizia Marx. No Brasil de todos os clichês, a História se repete como déjà vu.



Tipografia. Piqueira inspira sua narrativa visual num catálogo do início do século XX, assinado por Salles Monteiro